

## Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)

*Catarina Costeira<sup>\*</sup> e Rui Mataloto<sup>\*\*</sup>*

### Resumo:

Neste artigo pretendemos analisar a totalidade do conjunto de componentes de tear proveniente do povoado de S. Pedro (Redondo), intervencionado no âmbito de um projecto arqueológico de salvaguarda e emergência. Apresentamos uma caracterização tipológica e tecnológica destes materiais, bem como os argumentos para uma aproximação à sua funcionalidade. Os dados obtidos foram enquadrados nos espaços e fases deste povoado, com os objectivos de, respectivamente avaliar a disposição espacial e o comportamento quantitativo e formal dos componentes de tear ao longo da diacronia. Esperamos com este trabalho contribuir para demonstrar o potencial informativo e a relevância dos componentes de tear para o estudo das transformações agrícolas, pastoris e artesanais que caracterizaram as comunidades do Sul peninsular no 3º milénio a.n.e.

### Abstract:

In this paper we analyze the entire set of loom components from the archaeological site of S. Pedro (Redondo, Central Alentejo, Portugal). The loom components were analyzed from different perspectives. Firstly, a recording sheet was made for the description of their technological and typological characteristics, defining two main forms, organized into several types and subtypes, looking up afterwards an approximation to its functionality. The data were located into spaces and phases of the S. Pedro's site, with the aim of, respectively, evaluating the space disposal and the quantitative and formal behavior of loom components over the diachronic. The loom components are one of the most typical artifacts of the 3<sup>rd</sup> millennium BCE settlements of the Southern Iberian Peninsula and a key element for the study of all transformations that characterized these communities.

<sup>\*</sup> Bolseira de doutoramento financiada pela FCT – SFRH/BD/76693/2011 – UNIARQ

<sup>\*\*</sup> Município de Redondo



## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como ponto de partida o estudo que um de nós desenvolveu no âmbito de uma tese de mestrado intitulada “Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo), 3º Milénio a.n.e.”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em Janeiro de 2011, na qual se analisou cerca de metade da colecção existente.

No trabalho que agora damos à estampa efectuámos o estudo integral dos componentes de tear do povoado de S. Pedro, procurando aprofundar a reflexão de algumas problemáticas relacionadas com a tecelagem.

Começamos pela apresentação sucinta do sítio de proveniência dos materiais, em seguida centramo-nos no estudo dos componentes de tear, realizando a sua análise morfológica, tecnológica, funcional e contextual e terminamos com o seu enquadramento na actual região alentejana.

### 1. OS POVOADOS DE S. PEDRO: DINÂMICAS ESTRUTURAIS E ACTIVIDADES DO QUOTIDIANO

O sítio de São Pedro, mencionado pela primeira vez por Manuel Calado (Calado 1993a), desempenhou um papel fulcral nas suas leituras sobre o povoamento do 4º e 3º milénio a.n.e. da região da Serra d’Ossa (Calado 1995; 2001).

A ocupação calcolítica do São Pedro (Fig. 1) implanta-se sobre um cerro destacado que se eleva na margem Nascente da planície central de Redondo, que se desenvolve no sopé da aba sul da Serra d’Ossa, o que lhe confere amplo domínio visual sobre todo o território que se estende para Poente e Sul (Fig. 2).



*Fig. 1.— Localização do povoado de S. Pedro na Península Ibérica*



*Fig. 2.— Vista do Cabeço de S. Pedro pelo lado sul*

Em 2004 um de nós (R.M.) deu início a um extenso programa de escavação prévio à abertura da circular externa de Redondo, que iria implicar a destruição de grande parte da área de dispersão dos materiais arqueológicos reconhecidos à superfície. A intervenção decorreu, então, em cerca de 2000 m<sup>2</sup> prolongando-se por 36 meses, divididos em quatro campanhas de distinta duração. A área





*Fig. 3.— Vista geral do povoado com indicação dos sectores de escavação*

intervencionada deverá corresponder a cerca de 2/3 da área ocupada, pelo que cremos ter ficado com uma imagem bastante aproximada do total da sequência e conjunto edificado (Fig. 3).

Neste momento foram já publicados diversos trabalhos sobre o local, apresentando abordagens gerais da sequência registada, em particular na primeira campanha (Mataloto *et al.* 2007; 2009; Mataloto 2010), tendo-se desenvolvido

trabalhos sobre abordagens parcelares, caso da Fase V, correspondente à última fase de ocupação, já de época campaniforme (Mataloto *et al.* no prelo).

O conjunto edificado teve um percurso complexo e heterogéneo, tendo as suas múltiplas transformações marcado, certamente, o contexto da vivência humana no local. Deste modo, serão as grandes estruturas de fortificação a marcar o ritmo de análise do processo histórico do São Pedro. Na realidade, cremos que não terá existido um povoado do São Pedro, mas múltiplos que se foram sucedendo no tempo.

O faseamento proposto decorre, essencialmente, dos actos de construção/reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação do sítio (Fig. 4).

A Fase I corresponde a um primeiro momento de ocupação, aparentemente aberta, que se terá desenvolvido entre os finais do 4º milénio a.n.e. e o início do seguinte. Os dados disponíveis são particularmente escassos, confinando-se a alguns estratos documentados sob as estruturas de fortificação da fase II, principalmente sob o tramo virado a Sul. As grandes acções construtivas e quotidianas subsequentes deverão ter truncado profundamente as pré-existências, não tendo sido possível documentar, com clareza, estruturas habitacionais e/ou defensivas correspondentes a esta fase. Em várias situações, a escavação de alguns estratos junto à rocha base forneceu um espólio afim dos conjuntos melhor conhecidos nos finais do 4º milénio a.n.e., caracterizados pela ausência de formas espessadas, num conjunto marcado pelas formas esféricas, por vezes com pegas, a par de algumas formas carenadas.

O fim desta Fase I, determinado pela construção do primeiro recinto defensivo, parece efectuar-se já dentro do 3º milénio a.n.e., como o indica a presença de formas espessadas no enchimento de estruturas negativas infrapostas à primeira fortificação.



Fig. 4.— Planta geral do povoado com indicação das fases de ocupação e dos conjuntos mais expressivos de componentes de tear

A designada Fase II resulta de uma total modificação da orgânica e natureza do espaço habitado, gerada pela edificação de um amplo circuito amuralhado.

Não foi possível aferir se a circunscrição do povoado por um amplo e robusto complexo construtivo resultou da delimitação da ocupação anterior ou se terá sido originada “*ex novo*”, contudo, a sobreposição da estrutura de fortificação a estruturas negativas anteriores parece indiciar a clara separação dos dois momentos.

Creemos que o conjunto arquitectónico da Fase II terá sido erguido, e em grande medida utilizado, dentro do primeiro quartel do 3º milénio a.n.e., provavelmente nos seus finais.

A estrutura de fortificação apresenta-se complexa, robusta e ampla. Esta é composta, na área intervencionada, por cinco tramos murários rectilíneos, com mais de uma dezena de metros de comprimento cada, por dois metros de largura, construídos no xisto local, que se dispõem de modo a fechar um espaço interior, com cerca dos 800 m<sup>2</sup>, perfazendo uma planta poligonal, aproximadamente trapezoidal.

Pelo exterior, a muralha apresenta diversos bastiões maciços e outros, de menores dimensões, ocos. Os vãos deixados entre os diversos troços murários, com 0,70 m e 1 m de largura, abrem para o interior dos torreões ocos, excepto num caso, virado a Nascente, que poderá ser a única porta existente no povoado. Estes torreões concentram-se principalmente no lado sul, de menor declive, à excepção do canto nordeste, onde um enorme bastião oco uniria os dois tramos de muralha dispostos em ângulo quase recto. No lado norte, de declive mais acentuado, documentaram-se dois grandes torreões maciços semicirculares.

Igualmente do lado norte documentou-se, em frente da muralha da Fase II um extenso muro, com cerca de 14 m de comprimento e 1,2 de largura, que se



desenvolvia paralelamente àquela. Esta terá sido efectivamente uma outra estrutura de fortificação secundária, a modo de barbacã, tendo sido, com alguma certeza, pelo menos parcialmente contemporâneas.

Em determinado momento da Fase II, o lado sul da fortificação conheceu um episódio de extensa destruição que implicou a substituição dos troços de muralha existentes por um conjunto de construções de menor entidade e qualidade. Estas vêm sobrepor claramente os derrubes pétreos resultantes do desmantelamento da antiga fortificação.

No interior desta fortificação da Fase II registaram-se duas grandes estruturas de planta circular, que, dada a espessura do embasamento, certamente se desenvolveriam em altura, a modo de torres.

A esta Fase II sucede-se a Fase III, motivada, uma vez mais, pela remodelação total da natureza do povoado, gerada pelo abandono e desmantelamento do conjunto arquitectónico perimetral. Sobre as grandes estruturas anteriores, que terão sido pontualmente reaproveitadas, desenvolve-se uma ocupação aparentemente aberta, marcada por estruturas principalmente em materiais perecíveis. No entanto, as ocupações posteriores parecem ter eliminado, ao menos na área central, grande parte dos vestígios correspondentes a este momento, ficando a imagem de uma ocupação menos densa que as anteriores, o que poderá resultar unicamente de questões tafonómicas.

Num dado momento, certamente dentro do segundo quartel do 3º milénio a.n.e., o povoado do São Pedro reorganiza-se por completo em função de uma grande estrutura perimetral. Todavia, a transição entre estes dois momentos é pouco clara, podendo inclusivamente existir um abandono efectivo do povoado, que não terá sido, contudo, muito prolongado.

A Fase IV caracteriza-se, assim, pela presença de uma nova estrutura de fortificação, completamente distinta da anterior e muito provavelmente edificada a partir do desmantelamento das estruturas construtivas prévias.



A fortificação da Fase IV apresenta uma planta aproximadamente subcircular, com cerca de 20 m de diâmetro e apenas 0,90 m de espessura, estando dotada de pelo menos quatro bastiões ocos adossados pelo exterior, sem conexão com o interior. Este é bastante reduzido, com cerca de 300 m<sup>2</sup> de área. Na zona central localizavam-se duas grandes torres, de paredes espessas e planta circular e subcircular, com cerca de 6 m de diâmetro máximo. A sua presença restringia amplamente o espaço interior, pelo que a maior parte do povoado propriamente dito se deveria ter desenvolvido no exterior da fortificação, onde se registaram abundantes indícios de estruturas de cariz habitacional, que parecem indicar que esta seria a principal área de ocupação e actividade.

Esta fortificação deverá ter-se mantido ocupada durante um espaço de tempo relativamente longo; todavia, cremos que em torno dos meados do milénio, ou pouco depois, foi abandonada sem que constem quaisquer indícios sobre um abandono violento.

É com bastante certeza que podemos afirmar que terá sido sobre as ruínas e os derrubes desta última fortificação que se desenvolveu a designada Fase V. Esta é uma ocupação ainda difícil de caracterizar, sendo, de acordo com os dados recolhidos, certamente despojada de estruturas perimetrais.

O povoado, uma vez mais aberto, deveria ter-se mantido activo, ainda que não nos seja possível assegurar a continuidade de ocupação entre as duas fases. Este último momento de ocupação, no qual se documentou a existência de cerâmica campaniforme incisa, deveria ser marcado pela presença de diversas cabanas de planta circular com embasamento pétreo, que se implantaram sobre as ruínas do antigo povoado, o que poderá indicar a existência de uma certa *décalage* cronológica entre este momento e o abandono da Fase IV.

O momento final desta última fase parece ser marcado pelo abandono das estruturas habitacionais e pela construção de uma estrutura do tipo “empedrado”, com cerca de 4 m de largura, que acompanhava, a pouca distância e numa

extensão de mais de 30 m, o embasamento da antiga muralha, descrevendo uma planta tendencialmente circular. Esta estrutura, com apenas uma ou duas fiadas de pedra, deveria responder a intuítos de monumentalização, eventualmente relacionados com estratégias de reforço da Identidade grupal.

As fortificações do São Pedro, ou a sua ausência, marcam e determinam, então, todo o processo de ocupação humana do cerro, que se caracteriza pela heterogeneidade e instabilidade estrutural e, eventualmente, ocupacional, o que acaba por determinar um percurso diverso e pouco linear.

Será neste constante e prolongado entretecer de estruturas e vidas que deverá ter decorrido o quotidiano do São Pedro, onde a tecelagem seria apenas mais uma actividade das múltiplas aqui desenvolvidas de sustento da existência humana.

Estes terão sido povoados de caçadores, pastores, agricultores e metalurgistas, certamente entre outras coisas de menor visibilidade arqueológica.

As duas primeiras actividades surgem-nos bem atestadas a partir do registo faunístico (Davis e Mataloto 2012), especialmente a primeira, com mais de 70% dos vestígios faunísticos potencialmente resultantes de actividades cinegéticas. A produção animal, nomeadamente a virada para a pastorícia, de bovinos e ovicaprídeos (com 7 e 9% respectivamente), deveria estar mais vocacionada para o uso de subprodutos, como o leite, a lã ou a pele, mais propriamente que da carne, essa obtida essencialmente através da actividade cinegética. Todavia, a percentagem mínima destas presenças domésticas indicaria um uso absolutamente secundário das mesmas.

A actividade agrícola está ainda a carecer de uma análise de pormenor, nomeadamente através dos pólenes e carvões recolhidos. Contudo, a frequência dos dormentes e moventes de mós poderá indicar, mas não obrigatoriamente, uma actividade agrícola virada para a produção cerealífera. Por fim, a actividade

metalúrgica parece ter desempenhado um papel relevante, mas apenas nas fases mais recentes, IV e V, estando todo o processo metalúrgico documentado no local, desde o minério à peça final.

O elevado número de elementos ou componentes de tear registados no São Pedro, nas diversas fases de ocupação, resulta de mais uma destas importantes actividades do quotidiano que nos foi possível documentar, e que se analisará em seguida mais em detalhe. No São Pedro, a quantidade, diversidade e dispersão dos componentes de tear por toda a área ocupada deixa entrever que deveremos estar perante uma actividade pouco especializada, funcionando em contexto doméstico, tal como se propôs para La Junta de los Ríos (Nocete 2008: 132).

Ainda que não tenha chegado até nós o resultado do trabalho de tecelagem, sabemos-lo absolutamente necessário e provavelmente quotidiano. É bastante provável que a própria morfologia, dimensão e peso dos componentes de tear correspondesse a produtos finais distintos, que poderiam apresentar padrões diversos, eventualmente geométricos, como aqueles que vemos reproduzidos nas placas de xisto, eventualmente com cores garridas, como a da garança, documentada num tecido de linho dos meados do 3º milénio a.n.e (Soares e Ribeiro 2003).

## **2. PLACAS E CRESCENTES. OS COMPONENTES DE TEAR DO POVOADO DE S. PEDRO**

As placas e os crescentes em cerâmica são presença constante nos contextos relacionados com as comunidades calcolíticas da Península Ibérica, ocorrendo com maior expressão nos sítios de habitat e de forma mais restrita nas necrópoles. Neste trabalho pretendemos apresentar propostas para os estudos destes materiais por forma a superar a multiplicidade de termos e critérios utilizados, bem como reflectir sobre a sua associação à tecelagem.

Inserimos estes dois elementos – placas e crescente – no grupo dos componentes de tear, termo que define objectos imprescindíveis num engenho para tecer, podendo desempenhar diferentes funções de acordo com a técnica utilizada. Esta designação afigura-se-nos mais abrangente ao nível morfológico e funcional, do que os tradicionais termos peso e elemento de tear. No entanto, temos consciência da dificuldade na aceitação desta nova terminologia por parte da comunidade arqueológica portuguesa.

A placa é uma peça em cerâmica, com uma forma próxima de um quadrilátero de faces tendencialmente aplanadas, estando a maioria perfuradas nas duas extremidades; o crescente, igualmente em cerâmica, tem uma forma curva, secção de morfologia diversificada e geralmente uma perfuração em cada extremidade.

A ficha descritiva construída para a análise destes materiais, apresentada com maior detalhe no trabalho anterior já citado (Costeira 2010), organiza-se em oito partes principais:

- i) identificação: unidade estratigráfica, número de inventário, sector, estado;
- ii) morfologia;
- iii) caracterização métrica;
- iv) número de perfurações e características métricas;
- v) análise tecnológica: pasta, CNP, cozedura, acabamento de superfície;
- vi) decoração: localização, técnica e motivo;
- vii) vestígios de utilização;
- viii) observações: informações complementares.



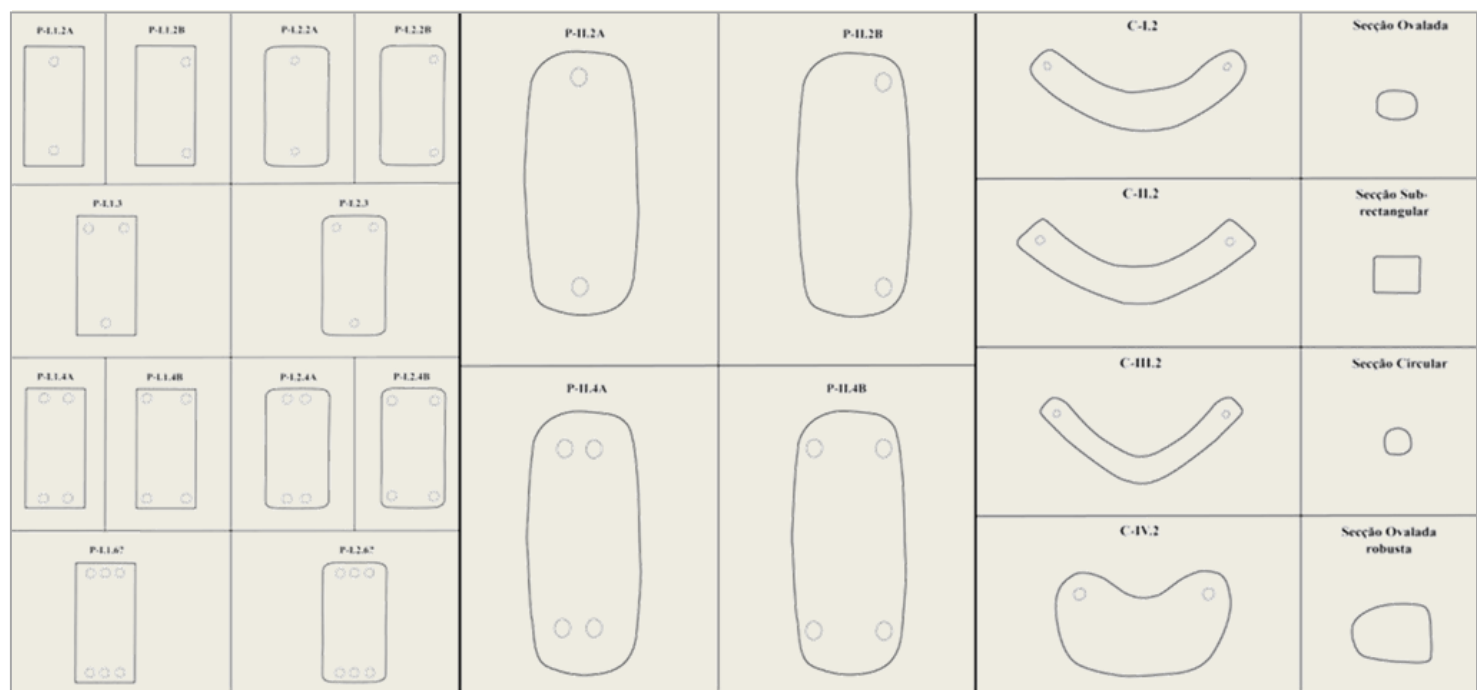


Fig. 5. — Catálogos de formas das placas rectangulares, ovaladas e dos crescentes

A par desta ficha descritiva construímos uma tipologia de componentes de tear (Costeira 2010), baseada essencialmente nos aspectos morfológicos das peças, uma vez que, não só partíamos de um conjunto de materiais com elevado índice de fragmentação, como pretendíamos que o modelo apresentado fosse aplicável a outras realidades arqueológicas peninsulares (Fig. 5).

Os componentes de tear em análise dividem-se em duas grandes formas – placas e crescentes, de acordo com as suas características gerais. Os tipos de placas (Figs. 5, 6 e 7) foram definidos com base no contorno geral da peça, individualizando-se dois grupos – placas rectangulares (P-I) e placas ovaladas (P-II); distinguindo-se as variantes a partir das diferenças nas características das arestas, dos cantos, no número e localização das perfurações. Neste trabalho

definimos apenas dois tipos de placas, ao contrário do que defendemos anteriormente (Costeira 2010), uma vez que consideramos que a existência de apenas um elemento diferente, uma placa com tendência hiperboloide não é suficiente para a determinação de um tipo autónomo. Este aspecto deve, contudo, reforçar a necessidade de mantermos uma tipologia aberta e dinâmica, que permita adaptar-se a novas formas que venham a ser registadas noutros conjuntos

Os diferentes tipos de crescentes (Figs. 5 e 9) foram definidos a partir da forma da secção, uma vez que o número de perfurações e a sua localização são relativamente constantes no conjunto estudado e na maioria das peças conhecidas, sendo difícil de isolar outras características com expressividade para definir variantes coerentes. Assim, a variabilidade morfológica das secções permitiu a definição de quatro tipos de crescentes: de secção ovalada (C-I), de secção sub-rectangular (C-II), de secção circular (C-III) e de secção ovalada robusta (C-IV).

O conjunto de materiais em estudo é constituído por todos os componentes de tear recolhidos nas várias fases de escavação do povoado de S. Pedro. As 3554 peças analisadas apresentam diversos estados de conservação, sendo as fragmentadas claramente maioritárias (98%), como se pode observar no gráfico da Figura 6, o que exigiu prudência na definição do número mínimo de componentes de tear, uma vez que não é possível garantir que todos os fragmentos sem remontagem constituam peças isoladas. Seguindo as duas formas de cálculo apresentadas anteriormente (Costeira 2010), podemos admitir que o número de componentes de tear deste sítio se situa entre 1094 e 2104.

Numa análise quantitativa global constatamos que o número de crescentes é superior ao de placas, representando 63% do conjunto (Fig. 6); todavia, esta diferença pode explicar-se pelas características morfológicas dos crescentes, que os tornam peças mais frágeis, conduzindo, assim, a um maior índice de fragmentação.

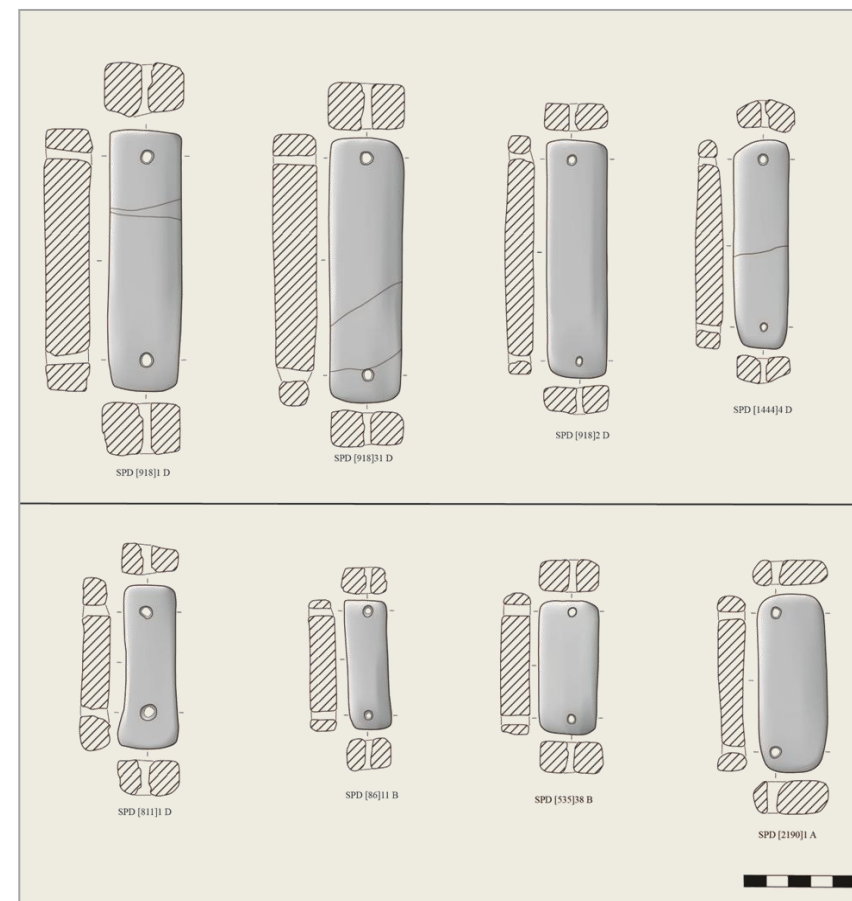


Fig. 6.— Placas rectangulares de duas perfurações

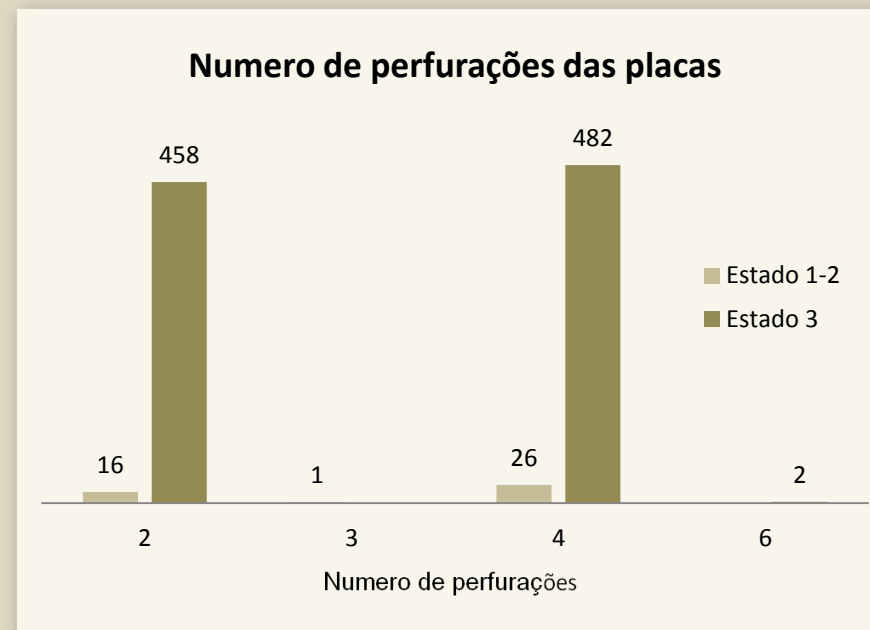
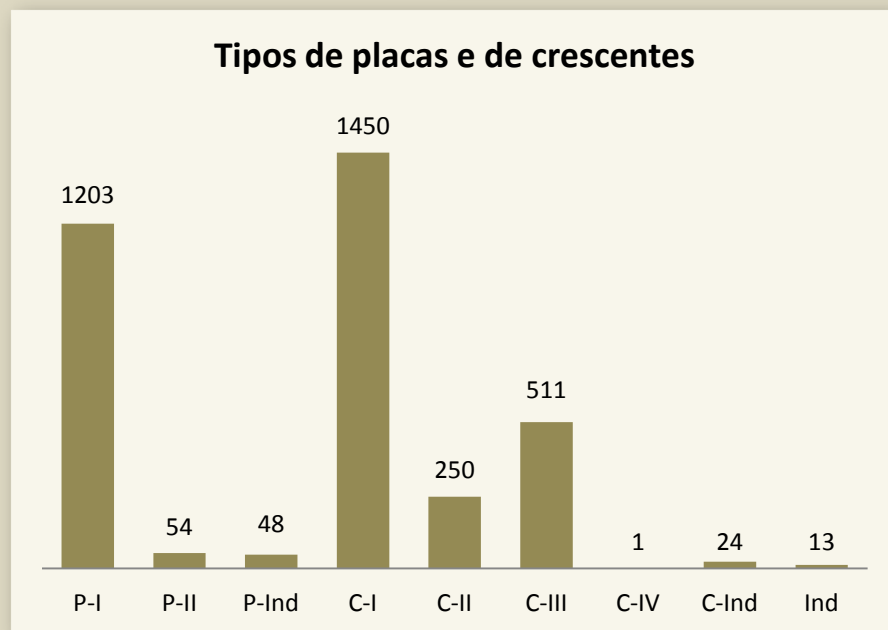
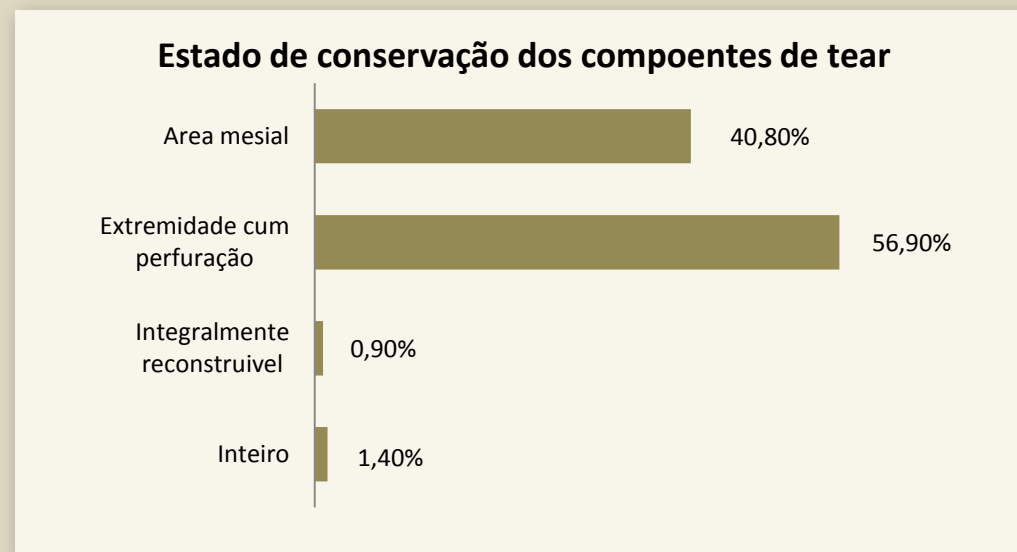


Fig. 6. — Gráficos que representam respectivamente o estado de conservação dos componentes de tear, os tipos de placas e crescentes e o número de perfurações das placas

As placas rectangulares surgem como o tipo mais expressivo desta forma (Fig. 6), com 950 elementos, enquanto as placas ovaladas surgem representadas apenas por 50 elementos (os fragmentos mesiais foram excluídos desta contagem).

No conjunto das placas rectangulares, as que apresentam arestas e cantos arredondados (706) destacam-se numericamente face às que apresentam arestas vincadas e cantos angulosos (187), o que pode estar associado não só à modelação da peça, mas também a questões funcionais e eventualmente tafonómicas.

No que se refere ao número de perfurações, as placas podem apresentar duas (uma em cada extremidade), quatro (duas em cada extremidade), três (uma num dos lados e duas no oposto) e seis (três em cada um dos lados). A percentagem de placas com duas e quatro perfurações é praticamente similar (44% e 47% respectivamente), registando-se apenas um exemplar inteiro com três perfurações no total e dois fragmentos com três perfurações alinhadas num dos topos (Fig. 6). Estes elementos colocam a questão da diversidade, mas não recusam a tendência geral verificada na maioria dos conjuntos de placas do Sudoeste peninsular. As perfurações são maioritariamente centradas nas placas com duas perfurações e tendencialmente próximas das extremidades nas placas de quatro perfurações.

As características métricas apresentam uma grande variabilidade no interior de cada tipo e subtipo, como é expectável nos conjuntos de materiais elaborados manualmente. Todavia, é possível agrupar as várias medidas, salientando alguns padrões. As placas rectangulares apresentam larguras que variam entre 1 e 7 cm, espessuras entre 0,5 e 3,5 cm, comprimentos entre 6,0 e 13,9 cm e pesos entre 10 e 20 g, atendendo aos exemplares mais completos (27 peças neste conjunto). À excepção do peso, para o qual não se conhecem dados comparativos, todas as outras medidas se aproximam dos valores definidos para estas peças no povoado dos Perdigões (Valera 1998: 102), nos povoados da margem esquerda do Gua-

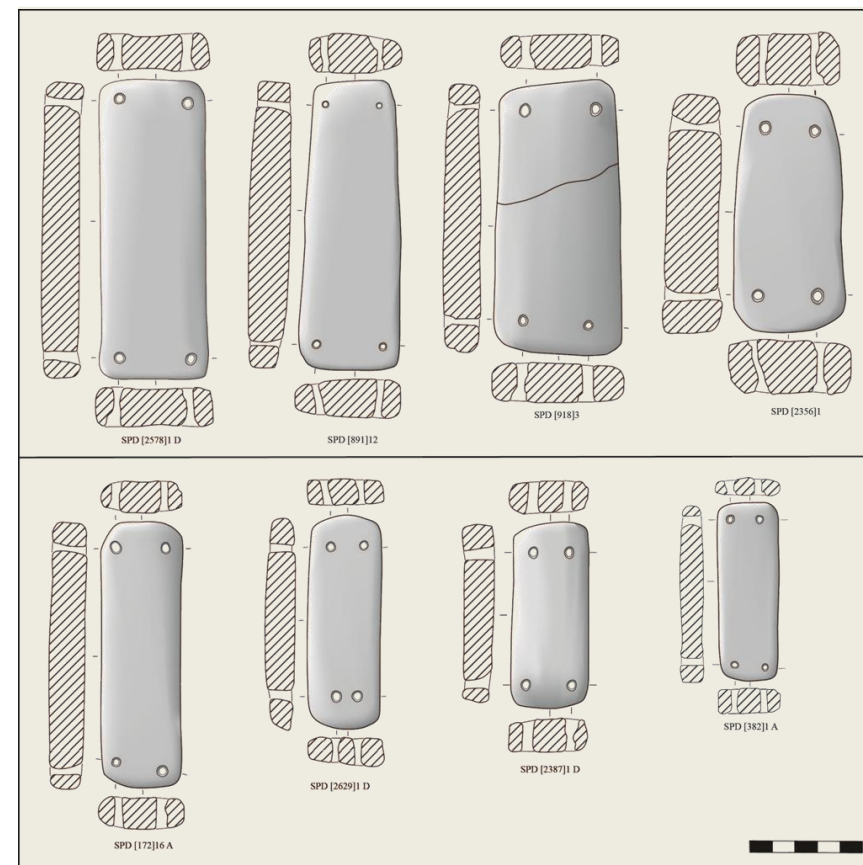


Fig. 8.— Placas rectangulares de quatro perfurações



diana (região de Mourão), como Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3 (Gomes no prelo: 110 e 112) e no povoado de Pombal (Boaventura 2001: 49-50).

As placas ovaladas apresentam características mais robustas do que as rectangulares, no que se refere à largura e espessura, com valores balizados entre 2 e 7,9 cm e 0,8 e 2,9 cm respectivamente, e apesar de não se dispor de exemplares inteiros que permitam aferir o peso médio destas peças, os valores obtidos para alguns fragmentos reforçam o seu carácter possante.

As dimensões das perfurações apresentam uma grande semelhança entre as placas rectangulares que têm duas e quatro perfurações, com diâmetros máximos entre 0,3 e 1 cm, e diâmetros mínimos entre 0,1 e 0,7 cm. Os diâmetros máximos e mínimos das perfurações das placas ovaladas balizam-se entre os 0,5 e 1,3 cm e os 0,2 e 1 cm respectivamente, identificando-se as medidas mais elevadas nas placas com duas perfurações. Nas placas rectangulares com duas e quatro perfurações, a distância entre as perfurações de extremidades opostas situa-se entre os 4 e os 9,9 cm. Nas placas de quatro perfurações, a distância entre as perfurações localizadas na mesma extremidade varia entre os 0,5 e os 4,8 cm.

No conjunto de crescentes do sítio de S. Pedro identificaram-se quatro tipos diferentes, que coincidem com os registados na maioria dos povoados calcólicos do Sul peninsular.

O tipo crescente de secção ovalada robusto é representado apenas por um exemplar no povoado de S. Pedro, identificado à superfície, o que o torna pouco representativo em termos morfológicos e estratigráficos. As suas características distinguem-se claramente de todos os outros crescentes do conjunto, não só em termos morfológicos mas também em termos métricos, assumindo-se como uma peça muito mais possante. Este tipo tem paralelos noutros contextos do Sudoeste peninsular, alguns regionalmente próximos, como o povoado do Mon-

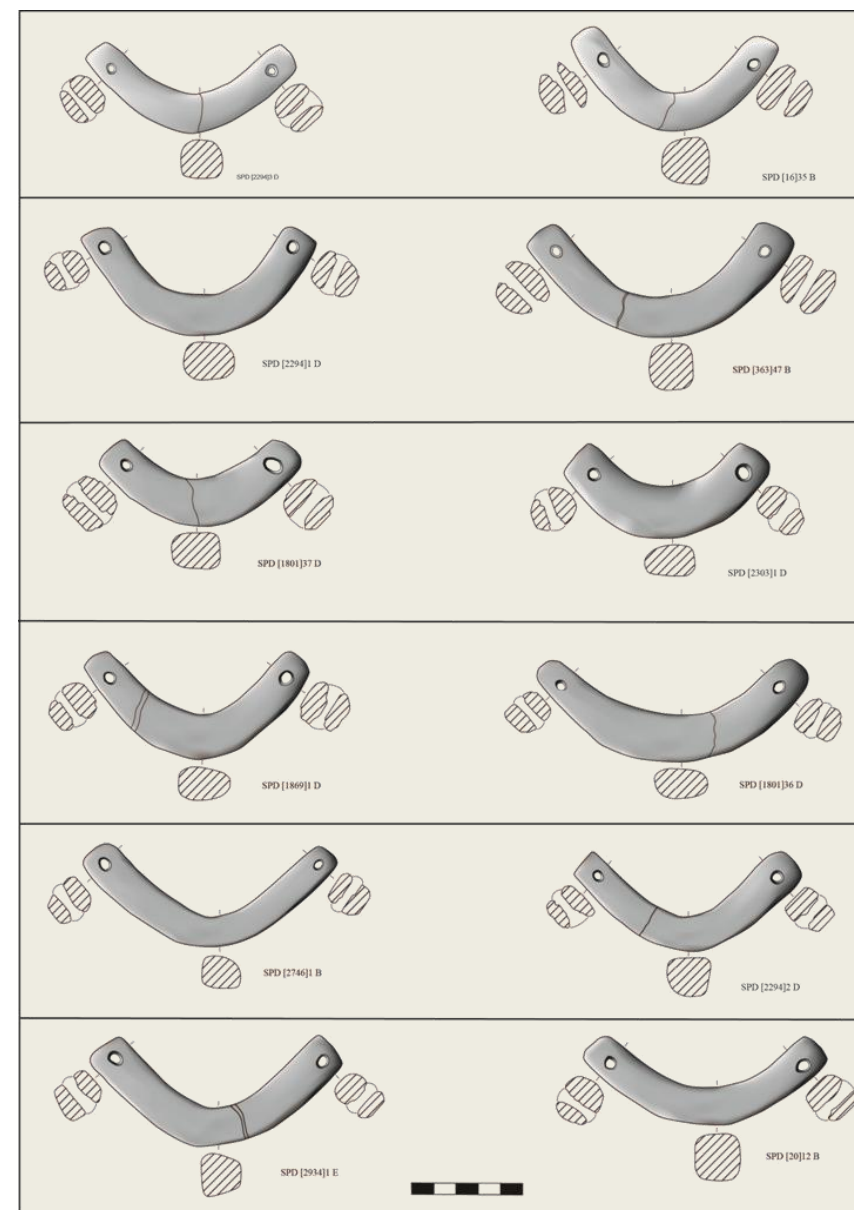


Fig. 9.— Crescentes de secção ovalada e sub-rectangular

te da Ribeira (Calado 2001: 164), dos Perdigões (Valera 1998: 102) e do Mercador (Gomes no prelo: 110), outros mais distantes, como o povoado de Papa Uvas (Martín de la Cruz 1986) e Valencina de la Concepción (Fernández e Oliva 1985: fig. 45, nº 110), o que atribui consistência à sua definição, apesar de só termos analisado um exemplar.

Em termos numéricos (Fig. 6), os crescentes de secção ovalada são o tipo mais expressivo, representando o 63% do conjunto, seguido dos de secção circular (20%) e por último dos de secção sub-rectangular (16%). As características métricas dos vários tipos de crescentes apresentam valores relativamente próximos, balizando-se a largura entre 0,7 e 4,9 cm; a espessura entre 0,5 e 2,5 cm, o comprimento entre 6,0 e 11,9 cm e o peso entre 21 e 80 g, estas duas últimas medidas foram apenas obtidas nos 40 exemplares mais completos. Estes valores métricos são similares aos verificados noutros conjuntos de crescentes estudados, provenientes do povoado dos Perdigões (Valera 1998: 102), dos povoados Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3 (Gomes no prelo: 110-111), e do povoado de Pombal (Boaventura 2001: 48-49). Os crescentes deste conjunto apresentam um número constante de perfurações (duas), localizadas próximo das extremidades. As características métricas das perfurações dos vários tipos de crescentes são relativamente semelhantes, com o diâmetro máximo a variar entre 0,2 e 1,5 cm e o diâmetro mínimo entre 0,1 e 1, cm. A distância entre as perfurações, localizadas em extremidades opostas, varia entre os 4,0 e os 9,9 cm em todos os tipos de crescentes.

O processo tecnológico, apresentado com maior detalhe anteriormente (Costeira 2010), visava a produção, certamente a partir de argilas locais, de componentes de tear de pastas compactas, homogéneas, bem cozidas, que possuem frequentes componentes não plásticos de pequena e média dimensão. A maioria das peças apresenta superfícies solamente alisadas, sendo a decoração muito residual.

Com efeito, no conjunto de materiais analisado apenas se registaram 5 peças decoradas (Fig. 10): duas placas rectangulares de arestas arredondadas, uma com quatro perfurações centradas e outra com duas perfurações próximas de uma das extremidades e por 3 crescentes, um de secção sub-rectangular, outro de secção circular e um de secção ovalada.

As decorações são incisas, localizando-se predominantemente nas duas faces das peças, em áreas centrais, sendo os motivos exclusivamente geométricos, baseados na linha e no triângulo. A frequência das decorações, as técnicas e os motivos presentes nos componentes de tear do povoado de S. Pedro acompanham a tendência geral dos contextos do Sudoeste peninsular.

A resistência das pastas e simplicidade de acabamentos, associada à utilização de peças com alguns defeitos permitem evidenciar o carácter marcadamente utilitário destes objectos.



*Fig. 10.— Componentes de tear decorados (fotos de V.S. Gonçalves e Xil Veríssimo)*

#### 4. APROXIMAÇÃO ÀS TÉCNICAS DE TECELAGEM-UMA ABORDAGEM TEÓRICA QUANDO OUTRAS NÃO SÃO AINDA POSSÍVEIS

A atribuição de funcionalidade a placas e crescentes, objectos de que se desconhece grande parte dos contextos de utilização e para os quais não se dispõe de análises traceológicas, é um exercício arriscado, no entanto, na esteira de uma longa tradição de investigação, assumimos desde logo o risco ao utilizarmos de forma consciente e propositada a designação de componentes de tear. Neste ponto procuramos reflectir sobre a associação de placas e crescentes a alguns teares conhecidos através de estudos etnográficos.

A morfologia das placas rectangulares, a diversidade numérica e posicional das suas perfurações e as suas características métricas, tornam possível, em teoria, a sua utilização em teares de placas, como já foi proposto por diversos autores, dos quais destacamos Cardito Rollán (1996: 142-143), Boaventura (2001: 51-53) e Gomes (no prelo: 116), na esteira aliás de V. Gordon Childe, desde os anos 40 (Childe 1947: 131). A associação deste tipo de placas a estes mecanismos permite explicar as subvariantes definidas neste trabalho, uma vez que o número e localização das perfurações condicionariam a rotação das placas, o que associado à sua variação métrica e quantidade de peças utilizadas determinaria a resistência e dimensão dos tecidos produzidos. Os vestígios de um tear deste género são difíceis de identificar arqueologicamente, uma vez que parte da sua estrutura é perecível e o número de placas variável, não sendo garantido que após a utilização do tear os componentes permanecessem concentrados. As marcas de utilização deste tear encontram-se com fortes probabilidades essencialmente nas perfurações, no entanto são difíceis de interpretar devido à reutilização das placas o que deixaria vestígios multidireccionais.

As placas rectangulares mais robustas e as placas ovaladas poderiam ser utilizadas como pesos num tear vertical de pesos. A presença de perfurações nas duas extremidades das placas levou-nos a colocar a hipótese do seu posicio-



namento horizontal, com todas as perfurações utilizadas em simultâneo, ao contrário da tradicional proposta vertical. De facto, consideramos menos problemática a hipótese da utilização simultânea de todas as perfurações de uma placa, uma vez que tornaria possível prender um maior número de fios, exigindo menos componentes no tear, sendo uma interpretação mais ajustada à esmagadora maioria de peças identificadas, que apresentam as duas extremidades perfuradas.

Deste modo a variabilidade formal e métrica das placas, possivelmente enquadradas em diferentes tipos de teares, poderia permitir uma maior variabilidade nos tecidos elaborados.

Os crescentes pela sua morfologia muito peculiar colocam mais problemas à sua interpretação enquanto componentes de tear, porque se distanciam das formas de peças tipicamente associadas a teares.

Neste estudo constata-se, tal como notou anteriormente Sérgio Gomes (no prelo: 117-118) que em termos métricos gerais-largura, espessura, comprimento, peso e distância entre as perfurações-os vários tipos de crescentes se aproximam das placas rectangulares, principalmente dos subtipos com duas perfurações, variando apenas na forma. Estas semelhanças, tal como o mesmo autor indicou e Rui Boaventura havia referido anteriormente (Boaventura 2001: 52), permitem colocar a hipótese da utilização de crescentes em mecanismos semelhantes aos teares de placas, que se poderiam designar por “tear de crescentes”. Apesar de não se conseguir reconstituir com clareza este engenho, considera-se que a forma dos crescentes poderia permitir diferentes rotações na torção dos fios, normalmente organizados em urdiduras verticais, tendo um carácter mais ergonómico, e abrindo outras possibilidades formais e decorativas na produção de tecidos.

Sérgio Gomes, no estudo já citado, propõe a reconstituição de um tear vertical de pesos com crescentes a desempenharem a função de pesos. Todavia, apesar

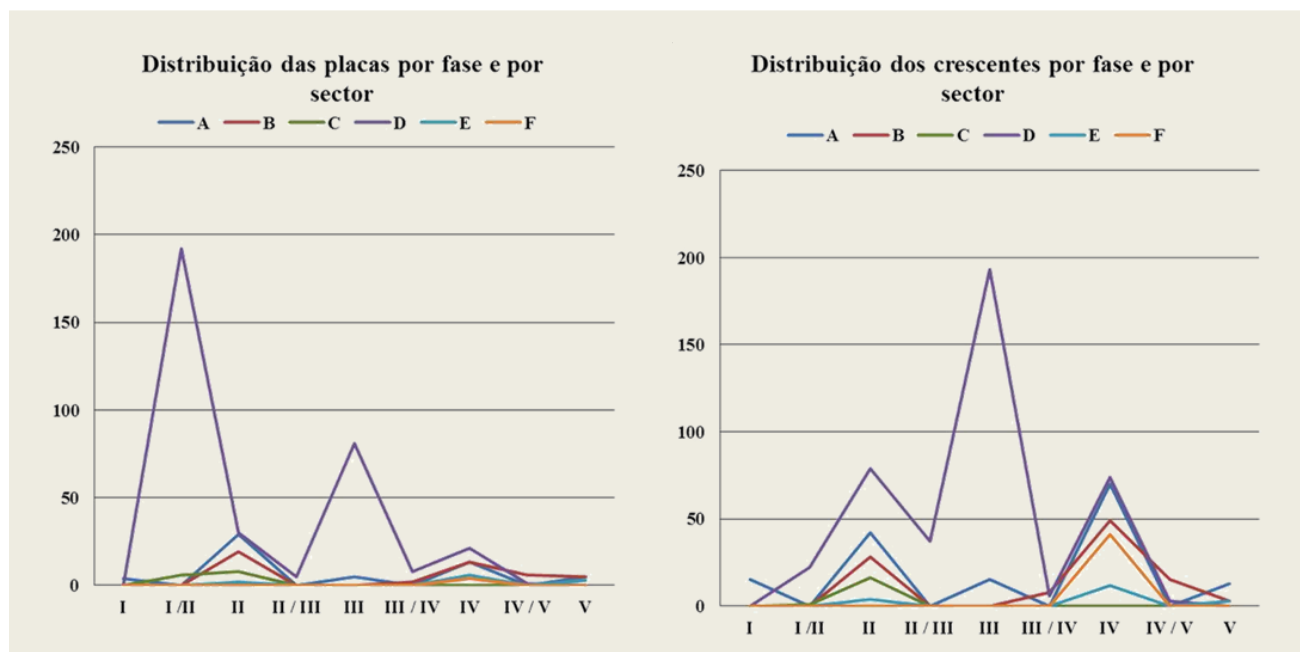


Fig. 11.— Gráficos com as distribuições de placas e crescentes por fases e sectores

deste autor defender que as características dos crescentes permitiriam a obtenção de tecidos resistentes e a utilização de mais fibras, a posição em que os coloca no tear parece pouco adequada à sua morfologia, uma vez que a área mais frágil da peça (zona mesial) estaria em contacto directo com a trave, o que provocaria um desgaste acentuado. Esta proposta poderia contribuir para explicar o estado fragmentado em que os crescentes normalmente surgem no registo arqueológico, mas tornaria também expectável a presença de marcas de desgaste ao longo da curvatura do crescente, o que não se observa no conjunto de componentes analisados.

Os crescentes de tipo C-IV.2 são os únicos que apresentam características que os poderiam tornar aptos a desempenhar a função de pesos num tear vertical, uma vez que apresentam curvaturas pouco acentuadas e atributos métricos, princi-

palmente o peso, muito robustos. A associação de crescentes a “teares de crescentes” e a teares verticais de pesos são hipóteses que ainda necessitam de um longo caminho de discussão e demonstração.

Os dados apresentados parecem demonstrar o carácter utilitário de placas e crescentes uma vez que, apesar da originalidade inerente aos objectos manufacturados, é possível isolar características semelhantes, sendo igualmente importante salientar a sua expressão quantitativa. Os atributos formais, métricos e a presença de perfurações, torna plausível a associação destes artefactos à tecelagem, embora a ausência de análises traceológicas e as características dos contextos observados não o permitam demonstrar de forma efectiva.

## **5. OS COMPONENTES DE TEAR NOS CONTEXTOS E FASES DO POVOADO DE S. PEDRO**

O sítio arqueológico de S. Pedro caracteriza-se por uma estratigrafia complexa, resultante de longas etapas de ocupação e de um forte dinamismo construtivo durante as fases pré-históricas, como ficou patente acima. Os estratos de ocupação e de derrube apresentam, geralmente, uma extensão e espessura reduzidas.

A descrição das várias unidades de proveniência dos componentes de tear em análise permitiu verificar que a maioria são depósitos heterogéneos que, em termos gerais, não apresentam características diferenciadoras, sendo praticamente imperceptível a existência de contextos exclusivos destes materiais.

Os componentes de tear surgem em unidades estratigráficas localizadas nos vários sectores de escavação, normalmente fragmentados e isolados, ou em associações inferiores a cinco peças, sendo na sua maioria identificados em contextos de abandono.

Apesar do panorama geral, identificaram-se alguns conjuntos numericamente expressivos (Fig. 4), localizados no sector F e principalmente na área nascente do sector D, em unidades de enchimento de estruturas negativas. Este contexto, associado a um elevado estado de fragmentação da maioria das peças, torna pouco defensável a sua associação a um contexto de abandono in situ de uma estrutura de tear, sendo mais aceitável a sua integração em contextos de amortização e subprodutos das actividades domésticas. No mesmo sector identificou-se, igualmente no interior uma estrutura negativa, (UE 2336), um conjunto de vinte e seis crescentes, maioritariamente de secção ovalada, dos quais dez se encontravam completos e tendencialmente concentrados no lado poente das unidades. Neste caso, o estado de conservação dos artefactos e a sua homogeneidade tornam plausível que possam corresponder a um conjunto de tear rejeitado e amortizado no interior da estrutura negativa.

Para além de estruturas negativas identificaram-se outras estruturas como a cabana-torre (UE 345) no sector A, com conjuntos expressivos de componentes de tear nos seus enchimentos. Todavia, a fragmentação, diversidade formal dos materiais e a complexidade das unidades estratigráficas dificilmente permitem a sua associação a um único tear.

O faseamento das unidades estratigráficas de proveniência dos componentes de tear apesar de carecer ainda de maior afinação permite, contudo, desde já, construir uma imagem geral em que as duas formas coexistem em todas as fases do povoado. Se reduzirmos a escala de análise e nos centrarmos novamente no sector D, uma das áreas com mais componentes de tear e com menos problemas no faseamento, dada a maior potência e menor complexidade estratigráfica, detectamos uma maior expressão de placas nas fases mais antigas, associadas ao primeiro quartel do 3º milénio a.n.e. (I/II), e um aumento do número de crescentes nas fases mais recentes (III, IV e V). Esta tendência, embora não seja tão expressiva nos restantes sectores, em que o número de placas e crescentes é muito próximo nas fases mais antigas, verifica-se no aumento acentuado dos segundos a partir da fase III (Fig. 11).



A integração dos componentes de tear nos espaços do povoado de S. Pedro não permite o reconhecimento de áreas funcionalmente especializadas, o que pode resultar da formação e grau de preservação do sítio arqueológico, ou da versatilidade da actividade indicada, que não exigiria uma segregação espacial. Por outro lado, gostaríamos de assinalar que esta forte presença de componentes de tear no São Pedro não deve, contudo, ser demasiadamente valorizada do ponto de vista económico, não permitindo, cremos, que se entreveja qualquer especialização local na produção têxtil, na justa medida em que os mesmos são bastante abundantes em diversos povoados da região, a começar pelo Monte da Ribeira, situado apenas 3 km para Norte, e no qual se documentou um número igualmente ingente de componentes de tear (Calado 2001: 98). Contudo, e como bem assinalou este autor, tal facto não obsta a que possa existir uma produção excedentária regional que permita permutar esta produção com outros bens não disponíveis localmente, como o sal ou o sílex, que certamente deveriam ter circulado no São Pedro.

## **6. OS COMPONENTES DE TEAR NO ALENTEJO DO 3º MILÉNIO A.N.E.**

Os componentes de tear são relativamente abundantes no registo arqueológico do actual Alentejo, surgindo preferencialmente em contextos habitacionais e de forma muito restrita em necrópoles. Nesta área regional identificam-se duas formas de componentes de tear-placas e crescentes-com múltiplas variantes. Em termos gerais, as placas apresentam características formais e métricas que as tornam peças mais gráceis do que as identificadas nas áreas setentrionais da Península Ibérica, os crescentes, forma típica do Sul peninsular, são muito expressivos nesta área regional.

Neste trabalho pretendíamos construir um mapa, apresentado na Figura 12, que permitisse visualizar a dispersão dos componentes de tear no Alentejo, centrando-nos exclusivamente nos sítios de habitat. Para a elaboração deste

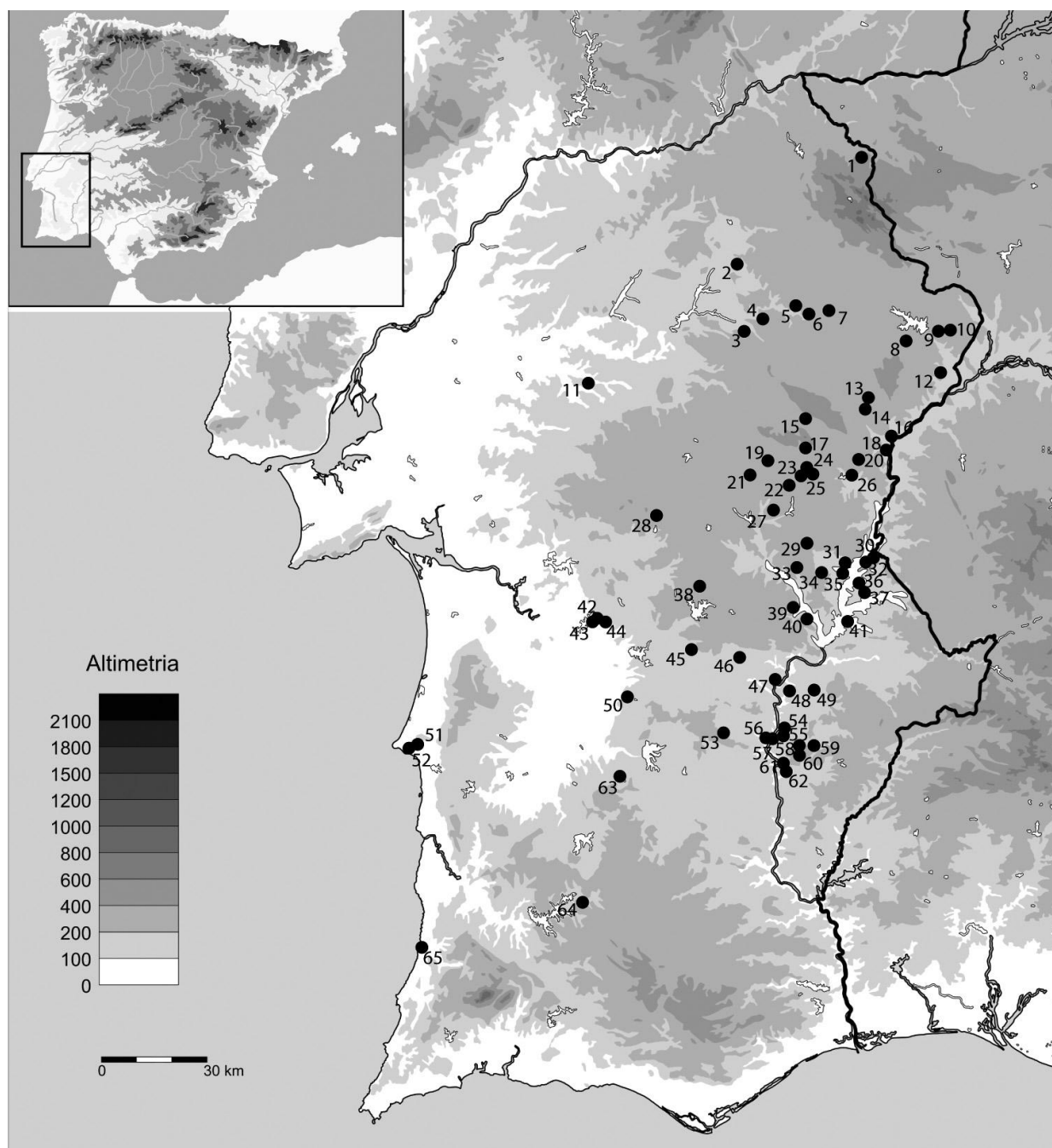


Fig. 12.— Mapa com a distribuição dos componentes de tear no Alentejo

mapa baseamo-nos nos sítios arqueológicos cujas referências bibliográficas indicavam a presença de componentes de tear e forneciam alguns dados que permitiam enquadrá-los na tipologia seguida neste trabalho. Neste exercício de síntese deparamo-nos com múltiplas dificuldades, que tentámos contornar da melhor forma. Desde logo, um dos principais problemas na comparação dos vários sítios consistiu na diversidade de intervenções arqueológicas e na forma como os dados foram tratados e publicados. Esta pesquisa bibliográfica reforçou a necessidade na normalização no tratamento e descrição dos componentes de tear.

Numa primeira observação do mapa o que se destaca é a grande quantidade de pontos assinalados, sendo importante referir que os vazios do mapa estão relacionados com a menor intensidade de trabalhos arqueológicos nessas áreas. Esta relativa abundância de componentes de tear no Alentejo já havia sido referida por vários autores (Calado 2001; Sousa 2010), e interpretada como uma evidência da importância que a tecelagem teria para estas comunidades, ao contrário do que parece verificar-se noutras áreas regionais.

Se ao mapa associarmos a informação da tabela do Apêndice 1 constatamos que é possível analisar as placas e os crescentes de diferentes sítios com os mesmos critérios e enquadrá-los na mesma tipologia, o que evidencia a normalização na elaboração destes materiais reforçando o seu carácter utilitário.

O estudo das placas e dos crescentes tem sido marcado por duas grandes questões: o significado da dualidade formal e a sua dimensão cronológica.

Na maioria dos sítios analisados (38) identificou-se a presença das duas formas, em dezassete sítios apenas se identificaram placas e em dez dos sítios registaram-se exclusivamente crescentes.

A investigação dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, nas décadas de setenta e oitenta, realizada por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares 1976-77; 1987: 52), parecia demonstrar um desfasamento

cronológico entre as duas morfologias de componentes de tear, em que as placas se relacionavam com as fases mais antigas (Calcolítico inicial) e os crescentes, principalmente os tipos de secção circular, com o Calcolítico pleno. Esta proposta, apesar de generalizada, foi sucessivamente contestada com a intensificação da investigação arqueológica no Alentejo, em que na maioria dos contextos as duas formas coexistiam ao longo da estratigrafia.

O trabalho de Manuel Calado sobre a Serra d'Ossa (Calado 2001: 97-98) demonstrou que na grande maioria dos povoados se identificavam placas e crescentes, sendo raros e problemáticos os sítios em que as placas surgiam isoladamente. Os dados obtidos com a escavação do sítio de S. Pedro permitem reforçar as informações de prospecção do autor anteriormente citado, uma vez que em termos globais, o número de placas e crescentes é aproximado, detectando-se a presença das duas formas em todas as áreas do povoado, em todas as fases, embora as placas tenham maior expressão nos contextos mais antigos. A suposta antiguidade das placas foi também posta em causa com a identificação exclusiva de crescentes em povoados com cronologias de final do 4º milénio e/ou inícios do 3º milénio a.n.e., como Los Castillejos en las Peñas de los Gitanos (Arribas e Molina 1979: 115-116), Papa Uvas (Martin de la Cruz 1985: 171) e Foz do Enxoé (Diniz 1999), apenas para citar alguns exemplos. Estes novos cenários conduziram a que se relativizasse o significado cronológico individual de cada forma, admitindo-se que a sua simultaneidade evidenciava a existência de duas tradições de tecelagem que estariam associadas no 3º milénio a.n.e. no Sudoeste peninsular (Gonçalves 2003: 256). Deste modo, os crescentes não representariam um “aperfeiçoamento técnico” dos componentes de tear, mas a diversidade das técnicas de tecelagem.

Efectivamente, ainda que possamos esboçar uma norma geral onde ambas as tradições de tecelagem convivem no espaço e no tempo, é igualmente possível registar, em vários contextos a exclusividade de uma das técnicas, ligadas a um dos tipos de componente. A presença exclusiva de placas será, aparentemente,

menos frequente, caso dos sítios: Cabeço do Torrão (Lago e Albergaria 2001), Murteiras, em Évora (Calado 2007: 40-41), Malhada das Mimosas (informação oral de Artur Rocha) ou do Alto de Brinches (Serpa), já tratado por um de nós (Costeira no prelo), estando a presença exclusiva de crescentes melhor documentada, em sítios bem conhecidos como Cerro dos Castelos de S. Brás (Parreira 1983), Santa Justa (Gonçalves 1989) ou La Junta de Los Ríos (Nocete 2008: 123). Este aspecto, ainda que possa contribuir para uma leitura sequencial onde os extremos cronológicos tendam para o domínio de um dos tipos (placas, numa fase mais antiga, e crescentes num momento mais tardio), não invalida a constatada convivência cronológica de ambos os tipos entre os finais do 4º e todo o 3º milénio a.n.e. A exclusividade de crescentes nas áreas montanhosas do alto Algarve e da Serra de Huelva pode mesmo ser derivada de um manifesto localismo, que carece, obviamente, de confirmação.

A presença de componentes de tear no registo arqueológico peninsular foi assumida, desde o final da década de 80 (Gonçalves 1989) como um indício material da “Revolução dos Produtos Secundários” (Sherratt 1981). Esta associação teórica fundamentava-se na utilização exclusiva da lã, o que se relacionava com as transformações na criação dos animais (dimensão e gestão dos rebanhos) documentadas a partir do final do 4º milénio a.n.e. Esta excessiva valorização das fibras animais no desenvolvimento da tecelagem tem vindo a ser questionada, uma vez que os dados arqueológicos não o têm demonstrado de forma evidente em todas as áreas peninsulares.

De facto, os estudos faunísticos colocam algumas reservas em relação às características das ovelhas desta etapa de domesticação, que poderiam não estar ainda aptas para a exploração lã. A esta questão associa-se a ausência de vestígios directos de fibras e tecidos de lã, o que podendo ser explicado pelo seu carácter perecível, torna-se um vazio difícil de ultrapassar, e a fraca expressão no registo arqueológico de ovinos e caprinos em alguns contextos com abundantes componentes de tear. No caso concreto do sítio de S. Pedro, a presença de



ovinos e caprinos é muito residual, mas os componentes de tear são muito expressivos, dados que não permitem a associação linear da tecelagem exclusivamente à exploração de lã. Como alternativa propomos que a tecelagem neste sítio, e eventualmente nesta área regional, estaria relacionada principalmente com a exploração de fibras vegetais agrícolas e selvagens. A utilização de fibras vegetais está atestada em vários sítios arqueológicos do Sul peninsular, ajustando-se às aptidões agrícolas das áreas ocupadas. Todavia, não temos dados que nos permitam recusar completamente a utilização de fibras animais na tecelagem no 3º milénio, mas pretendemos relativizar o quadro explicativo tradicional, problematizando a questão à luz dos dados disponíveis. Esta diversidade de matérias-primas utilizadas na tecelagem poderá ter um carácter regional, o que nos ajudaria a explicar a acentuada especificidade regional que os componentes de tear apresentam na Península Ibérica.

## BIBLIOGRAFÍA

- ALFARO, C. (1984): *Tejido y cestería en la Península Ibérica: Historia de su técnica e industrias desde la Prehistoria hasta la Romanización*. Bibliotheca Praehistorica Hispana 21. Madrid.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (2009): *Torre Velha 3. Relatório final 2ª. Fase. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção da Barragem da Laje (Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ALVES, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (2010): *Alto de Brinches 3. Relatório final. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção do reservatório Serpa Norte (Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ANDRADE, M. (2009): *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo) – definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*, (Tese de mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- ANTUNES, A., MARTINS, A., VILHENA, J., SÁNZ, L. e CORREIA, S. (2003): “Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo do Alqueva: antas da Bacia do Degebe”. In: V. Gonçalves (ed.): *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Lisboa.
- ARNAUD, J. (1971): “Os povoados neo-eneolíticos de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), notícia preliminar”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1. Coimbra: 199-221.
- ARNAUD, J. (1993): “O povoado Calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas”. *Vipasca* 2: 51-61.
- ARRIBAS, A. e MOLINA, F. (1979): *El poblado de los Castillejos en las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada)*. Granada
- BARBER, E.J.W. (1991): *Prehistoric Textiles: The Development of Cloth in the Neolithic and Bronze Ages: With Special Reference to the Aegean*. New Jersey.
- BARKER, E.J.W. (1993): *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres.

- BOAVENTURA, R. (2001): *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Trabalhos de Arqueologia 20. Lisboa.
- BOAVENTURA, R. (2006): “Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (2): 61-74.
- CALADO, M. (1993): *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal. Alandroal.
- CALADO, M. (1995): *A região da Serra d’Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*, (Provas de aptidão pedagógica inéditas. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- CALADO, M. (2001): *Da Serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia 19. Lisboa.
- CALADO, M. (2005): *Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional*, (Tese de doutoramento Inédita. Universidade de Lisboa) Lisboa.
- CALADO, M. (2007): *Relatório de escavação do povoado das Murteiras (Torre de Coelheiros, Évora)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2001): *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo. Redondo.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e ROCHA, A. (em preparação): *O povoamento pré-histórico da margem direita do regolfo do Alqueva*.
- CARDITO, L.M. (1996): “Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular”. *Zephyrus* 49: 125-145.
- CHILDE, G. (1947): *O Homem faz-se a si próprio*. Lisboa.
- CORREIA, V. (1921): “El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)”. *Memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas e Prehistóricas* 27: 22-24.
- COSTEIRA, C. (2010): *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3º milénio a.n.e.*, (Tese de Mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- COSTEIRA, C. (no prelo): “Os componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Brinches 3 (Serpa, Baixo Alentejo)”. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros.

- DAVIS, S. e MATALOTO, R. (2012): “Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15 (no prelo).
- DIAS, A.C. (1996): *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória. Porto*, (Tese de mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.
- DINIZ, M. (1993): “Pesos de tear, fiação e tecelagem”. In J. Medina (ed.): *História de Portugal*, vol. I. Lisboa: 454-457.
- DINIZ, M. (1994): “Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal”. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4). Porto: 133-149.
- DINIZ, M. (1999): “Povoado neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2 (1): 95-126.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. y OLIVA ALONSO, D. (1985): “Excavaciones en el yacimiento calcolítico de Valencina de la Concepción (Sevilla). El Corte C (la Parrera)”. *Noticiario Arqueologico Hispanico* 25: 102-113.
- FERREIRA, C., NUNES, S. e BASILIO, L. (no prelo): “Resultados preliminares de uma intervenção realizada no sítio Parreirinha 4 (Serpa)”. *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.
- FILIPPE, V. e BRAZUNA, S. (2009): “Ocupação durante a primeira metade/meados do III milénio a.C. na margem direita da Ribeira do Enxóe: Casa Branca 2 (Serpa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2) 79-97.
- FONSECA, S. (1996): *Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba*, (Tese de mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.
- GOMES, S. (1998-1999): “Os pesos de tear da estrutura ritual com ossos de Castelo Velho de Freixo de Numão”. In S.O. Jorge, M.L. Oliveira, S.A. Nunes e S. Gomes (eds.): *Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.a N.a de Foz Côa). Portugalia (Nova Série)* 19-20: 29-70.
- GOMES, S. (2003): *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa): Exercícios de interpretação do registo arqueológico*, (Dissertação de Mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.
- GOMES, S. (no prelo): “Tecelagem e Pesca: os pesos”. In A.C. Valera (org.): *As Comunidades agro pastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos finais do II milénio AC)*. *Colecção Memórias d’Odiana*: Lisboa: 109-126.
- GONÇALVES, V.S. (1979): “Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão)”. *Clio* 1: 178-179.

- GONÇALVES, V.S. (1987): “O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrógão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88)”. *Portugalia (Nova série)* 8: 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1988-89): “A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugalia.(Nova série)* 9-10: 49-61.
- GONÇALVES, V.S. (1989): *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (1990-91): “TESP 3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugalia (Nova série)* 11-12: 52-72.
- GONÇALVES, V.S. (1994): “Monte da Mangancha”. *Informação Arqueológica* 9. Lisboa: 109-110.
- GONÇALVES, V.S. (2001): “O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal”. *Zephyrus* 53-54: 273-292.
- GONÇALVES, V.S. (2003): *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: leituras críticas de realidades perdidas* (2ª ed.). Cascais.
- GONÇALVES, V.S, CALADO, M. e ROCHA, L. (1992): “Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da herdade do Esporão”. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 391-412.
- GONÇALVES, V.S. e SOUSA, A.C. (2000): “O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz)”. In V. S. Gonçalves (coord.): *Muitas antas, pouca gente? Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia* 16. Lisboa: 11-104.
- GONÇALVES, V.S. e SOUSA, A.C. (eds.) (2010): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais.
- GRILLO, C. (2007): “O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja”. *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular Vipasca. Arqueologia e História* 2 (2): 95-106.
- GRILLO, C. (2010): “O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja. Resultados preliminares”. In. V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 333-344.



- HARRIS, E. (1989): *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres.
- JORGE, S.O., OLIVEIRA, M., NUNES, S. e GOMES, S. (1998-99): “Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V<sup>a</sup> N<sup>a</sup> de Foz Côa)” . *Portugalia (Nova Série)* 19-20: 29-70.
- JORGE, S.O. (ed.) (2004): *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto-Coimbra.
- LAGO, M. e ALBERGARIA, J. (2001): “O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano”, *Era Arqueologia* 4: 39-62.
- LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A., ALBERGARIA, J., ALMEIDA, F. e CARVALHO, A.F. (1998): “O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 45-152.
- LOPES, C., CARVALHO, P. e GOMES, S. (1997): *Arqueologia do concelho de Serpa*. Serpa.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J.C. (1985): *Papa Uvas I. Aljaraque, Huelva: Campañas de 1976 a 1979*. Excavaciones Arqueológicas en España 136. Madrid.
- MATALOTO, R. (2010): “O 4<sup>o</sup>/3<sup>o</sup> milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana”. In V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3<sup>o</sup> milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 263-296.
- MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2009): “Entre vivos e mortos nos 4<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2): 31-77.
- MATALOTO, R. e COSTEIRA, C. (2008a): “O povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2): 5-26.
- MATALOTO, R. e COSTEIRA, C. (2008b): “O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo): notícia da sua identificação”. In J.A. Pérez Macías e E. Romero Bomba (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 107-133.
- MATALOTO, R., COSTEIRA, C., DAVIS S., CLEMENTE, R. e SANTOS, I. (2012): “Os povoados de fossos do Paraíso: uma ocupação do IV/III milénios a.C. na região de Elvas. Balanço das intervenções 2009-2010”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 39-72

- MATALOTO, R., COSTEIRA, C. e ROQUE, C. (no prelo): *Vivência e memória – a ocupação campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)*.
- MATALOTO, R., ESTRELA, S. e ALVES, C. (2007): “As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal)”. In E. Cerrillo e J. Valadés (eds.): *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo. Memorias del Museo de Cáceres* 6. Cáceres: 113-141.
- MATALOTO, R., ESTRELA, S. e ALVES, C. (2009). “Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal”. *Madrider Mitteilungen* 50: 3-39.
- MATALOTO, R. e MÜLLER, R. (no prelo): “Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central)”. *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Estremadura, Südportugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Iberia Archaeologica*.
- NOCETE, F. (ed.) (2008): *El yacimiento de La Junta de los Ríos. Sevilla*.
- PAÇO, A. (1953): *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*. Lisboa.
- PAÇO, A., FERREIRA, O. e VIANA, A. (1957): “Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana”. *Zephyrus* VIII: 111-133.
- PAÇO, A. e VENTURA, J.F. (1961): “Castelo do Giraldo (Évora). Trabalhos de 1960”. *Revista de Guimarães* 71 (1-2): 27-49.
- PARREIRA, R. (1983): “O Cerro dos Castelos de S. Brás”. *O Arqueólogo Português (série II)* 1: 149-168.
- PEREIRA, M. (2010): *Pesos de tear e elementos de tear na Pré-história recente portuguesa: contributos para pensar o processo arqueológico*, (Tese de mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.
- ROCHA, L. (1998): *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história regional*. Mora.
- ROCHA, L. (2005): *Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: A contribuição de Manuel Heleno*, (Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- RODRIGUES, A.F. (2006): *Casa Branca 7: Um povoado na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e. na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*, (Tese de Mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.

- RODRIGUES, A.F. (2008): “O recinto de fossos Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 2. <http://www.nia-era.org>
- SHERRAT, A. (1981): “Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution”. In I. Hodder, G. Isaac e N. Hammond (eds.): *Pattern of the Past*. Cambridge. Cambridge: 261-305.
- SHERRAT, A. (1995): “Reconstructing prehistoric farming”. In M. Kunst (ed.): *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras. Trabalhos de Arqueologia* 7: 61-76.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1976-77): “Contribuição para o conhecimento dos Povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”. *Setúbal Arqueológica* 2-3: 179-272.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1987): “O povoado fortificado do Monte da Tumba I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica* 8: 29-79.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1988): *O povoado fortificado da Idade do cobre do Monte da Tumba (Torrão) – cinco anos de escavações arqueológicas. Movimento cultural* 4: 16-43.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (2002): “Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana”. *Al-madan (série 2)* 11: 176-180.
- SOARES, A. (1992): “O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, Beja). Notícia preliminar”. *Setúbal Arqueológica* 9-10: 291-314.
- SOARES, A. (2005): “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, A. e CABRAL, J. (1993): “Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal”. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e etnologia* 3-4. Porto: 217-236.
- SOARES, A.M. e RIBEIRO, M.I. (2003): “Identificação, análise e datação de um tecido pintado proveniente de um monumento megalítico da necrópole de Belle France (Monchique, Algarve, Portugal)”. *Actas del V Congreso Ibérico de Arqueometría*. Puerto de Santa María: 155-156.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. (1992): “Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos”. *Setúbal Arqueológica* 9-10: 37-88.

- SOARES, J. e SILVA, C.T. (2010): “Campaniforme de Porto das Carretas (médio Guadiana) a procura de novos quadros de referência In V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 225-261.
- SOUSA, A.C. (2010): *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*, (Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- VALERA, A. (1997): *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Textos Monográficos 1. Lisboa.
- VALERA, A.C. (1998): “Análise da componente cerâmica do povoado dos Perdigões”. In M. Lago *et. al.*: “O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 80-104.
- VALERA, A.C. (2000a): “Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar”. *Era Arqueologia* 1: 21-37.
- VALERA, A. (2000b): “O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana”. *Era Arqueologia* 2: 33-51.
- VALERA, A.C. (2001): “A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão) a campanha de 2000”. *Era Arqueologia* 3: 42-57.
- VALERA, A.C. (2002): “Pré-História recente da margem esquerda do Guadiana”. *Al-madan (série 2)* 11: 117-121.
- VALERA, A.C. (2003): “Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do ocidente peninsular”. *Era Arqueologia* 5: 127-148.
- VALERA, A.C. (2004): “A propósito dos recintos murados do 4º e 3º milénios A.C.: Dinâmica e fixação do discurso arqueológico”. In S.O. Jorge (ed.): *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto-Coimbra: 149-168.
- VALERA, A.C. (2006): “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC”. *Era Arqueologia* 7: 136-211.
- VALERA, A.C. (2008): “Recinto Calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do sector I”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 3. <http://www.nia-era.org> [Consult. Dez. 2009].

- VALERA, A.C. e FILIPE, I. (2004): “O Povoado do porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era Arqueologia* 6: 28-63.
- VALERA, A.C. e FILIPE, V. (2010): “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico final à Idade do Bronze”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5. <http://www.nia-era.org> [Consult. Dez. 2009].
- VALERA, A.C., GODINHO, R., CALVO, E., MORO, F., FILIPE V. e SANTOS, H. (no prelo): “Um mundo em negativo: fossos e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)”. *Actas do 4º. Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.



**APÊNDICE I: Tabela dos sítios calcolíticos com componentes de tear no Alentejo**

Nº	Sítio	Localização	Tipo Intervenção	Formas componentes tear	Variantes componentes tear	Bibliografia
1	Castelo de Vidais	Marvão	Escavação	Placas Crescentes	P-I	Paço 1953; Gonçalves 1979; Cardito 1996
2	Alter do Chão	Alter do Chão	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.4; C-II.2	Andrade 2009
3	São João 1	Sousel	Prospecção	Placas	P-I.2.4	Andrade 2009
4	Braga	Fronteira	Prospecção	Crescentes	C-I.2	Andrade 2009
5	Cabeça de Vaiamonte	Monforte	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Boaventura 2001
6	Pombal 1	Monforte	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Boaventura 2001
7	Santo António 3	Monforte	Prospecção	Placas	P-I.1.4	Boaventura 2001
8	Cabeço do Torrão	Elvas	Escavação	Placas	P-I	Lago e Albergaria 2001
9	Santa Vitória	Campo Maior	Escavação	Placas	Placas 2 e 4 perf	Dias 1996
10	Cabeço do Cubo	Campo Maior	Escavação	Placas Crescentes	Placa 2 perf C-II, C-III	Dias 1996
11	Castelo de Pavia	Mora	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2, c-II.2, C-III.2	Correia 1921; Rocha 1998
12	Paraíso	Elvas	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Mataloto e Costeira 2008a; Mataloto <i>et al</i> 2012
13	Aboboreira	Vila Viçosa	Escavação	Placas Crescentes	Rectangulares 2 e 4 perf C-II.2; C-III.2	Arnaud 1971; Diniz 1993
14	Famão	Vila Viçosa	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.4; C-I.2; C-III.2	Arnaud 1971
15	Salgada	Borba	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Calado 2001
16	Malhada das Mimosas	Alandroal	Escavação	Placas	P-I.2.2; P-I.2.4	Calado, Mataloto e Rocha (em preparação)
17	Argolia	Redondo	Prospecção	Placas	P-I.1.4; C-II.2	Calado e Mataloto 2001; Calado 2005

18	Perdigoa	Alandroal	Prospecção	Crescente	C-II.2	Calado 2001
19	Colmeeiro	Redondo	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.4; C-I.2	Calado 2001
20	Cubo	Alandroal	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2.2; C-I.2; C-III.2	Calado 2001
21	Currais 1	Évora	Prospecção	Placas	P-I.1.4; P-I.2.4	Calado 2001
22	Cabido	Redondo	Prospecção	Placas	P-I .2.4	Calado 2001
23	São Pedro	Redondo	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.2.3; P-I.1.4; P-I.2.4; P-I.2.6; P-II.2; P-II.4; C-	Costeira 2010
24	Monte da Ribeira	Redondo	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2; C-IV.2	Calado 2001
25	Caladinho	Redondo	Prospecção	Placas	P-I.2.2; P-I.2.4;	Calado e Mataloto 2001; Calado 2005
26	São Gens	Alandroal	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Calado 2001
27	Grou 1	Redondo	Prospecção	Placas	P-I.2.2	Calado e Mataloto 2001; Calado 2005
28	Castelo do Giraldo	Évora	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Paço e Ventura 1961
29	Perdigões	Reguengos de Monsaraz	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.3; P-I.2.4; P-II.2; C-I.2; C-II.2; C-III.2; C-IV.2	Valera 1998; Valera 2008
30	Mercador	Mourão	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; P-II.2A; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gomes no prelo Valera 2006
31	Porto das Carretas	Mourão	Escavação	Placas Crescentes		Silva e Soares 2002; Soares e Silva 2010
32	Castelo do Azalinho	Reguengos de Monsaraz	Prospecção	Placas Crescentes	P-I; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gonçalves e Sousa 2000
33	Torre do Esporão	Reguengos de Monsaraz	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-II.2; C-III.2	Gonçalves 1990-91
34	Areias 15	Reguengos de Monsaraz	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2; P-I.4; C-I.2; C-III.2	Gonçalves, Calado e Rocha 1992
35	Barrisqueira 2	Reguengos de Monsaraz	Prospecção	Placas Crescentes	Crescente de secção circular Placa rectangular com 4 perf.	Fonseca S 1996; Soares e Silva 1992
36	Moinho de Valadares 1	Mourão	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I; C-II.2; C-III.2	Gomes, no prelo; Valera 2006
37	Monte do Tosco 1	Mourão	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-III.2	Gomes, no prelo; Valera 2000; 2006
38	Murteiras	Évora	Escavação	Placas	Placas com 2 e 4 perfurações	Calado 2007

39	Senhora da Giesteira	Portel	Prospecção	Crescentes	C-I, C-II, C-III	Calado 2005; Fonseca 1996; Antunes <i>et al</i> 2003; Soares e
40	Outeiro ou Moncarxa	Portel	Prospecção	Placas Crescentes	Placa rectangular com 2 perf. C-I, C-III	Calado 2005; Fonseca 1996; Antunes <i>et al</i> 2003; Soares e
41	Cerros Verdes 3	Mourão	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-III.2	Gomes, no prelo; Valera 2006
42	Castelo do Torrão	Alcácer do Sal	Escavação	Placas Crescentes	C-II, C-III	Fonseca 1996; Soares e Silva 1986
43	Monte da Tumba	Alcácer do Sal	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Silva e Soares 1987
44	Cabeço da Mina	Alcácer do Sal	Escavação	Placas	P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4;	Silva e Soares 1976-77
45	Cabeço da Azurria	Cuba	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2, P-I.4 C-II, C-III	Fonseca 1996
46	Alto da Mangancha	Vidigueira	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gonçalves 1994; Diniz 1993; Fonseca 1996
47	Sala nº 1	Vidigueira	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gonçalves 1987
48	Magoita	Serpa	Escavação	Placas	P-I.1.2A; P-I.2.2A	Valera <i>et al.</i> no prelo
49	Parreirinha 4	Serpa	Escavação	Placas	P-I.1.2A; P-I.2.2A	Ferreira <i>et al.</i> 2010
50	Porto Torrão	Ferreira do Alentejo	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Arnaud 1993; Valera e Filipe 2004
51	Monte Novo I	Sines	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Silva e Soares 1976-77
52	Vale Pincel II	Sines	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.2; P-I.2.4	Silva e Soares 1976-77
53	Alto do Outeiro	Beja	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-2.4; C-II.2; C-III.2	Grilo 2007; 2010
54	Casa Branca 7	Serpa	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Rodrigues 2006
55	Santa Margarida	Serpa	Prospecção	Placas	Placas com 2 e 4 perfurações	Soares 2005
56	Três Moinhos	Beja	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2 C-I, C-III	Soares 1992; Fonseca 1996
57	Foz do Enxoé	Serpa	Escavação	Crescentes	C-IV.2	Diniz 1999
58	Alto de Brinches 3	Serpa	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-III	Alves <i>et al.</i> 2010
59	Torre Velha 3	Serpa	Escavação	Placas	P-II.2A	Alves <i>et al.</i> 2009

60	Atalaia do Peixoto	Serpa	Prospecção	Placas	P-I.2; P-I.4	Lopes, Carvalho; Gomes 1997
61	Cerro dos Castelos de S. Brás	Serpa	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Parreira 1983; Soares e Cabral 1993
62	São Brás 3	Serpa	Prospecção	Placas Crescentes	P-I C-III	Fonseca 1996
63	Castelo de Aljustrel	Aljustrel	Escavação	Placas Crescentes	C-I.2; C-II.2; C-III.2	Fonseca, S. (1996); Ramos, <i>et al.</i> (1993)
64	Cortadouro	Ourique	Escavação	Crescentes	C-III.2	Silva e Soares 1976-77
65	Montes de Baixo	Odemira	Escavação	Crescentes	C-III.2	Silva e Soares 1997